

Mantega e Meirelles podem azedar 2007

EDNA SIMÃO

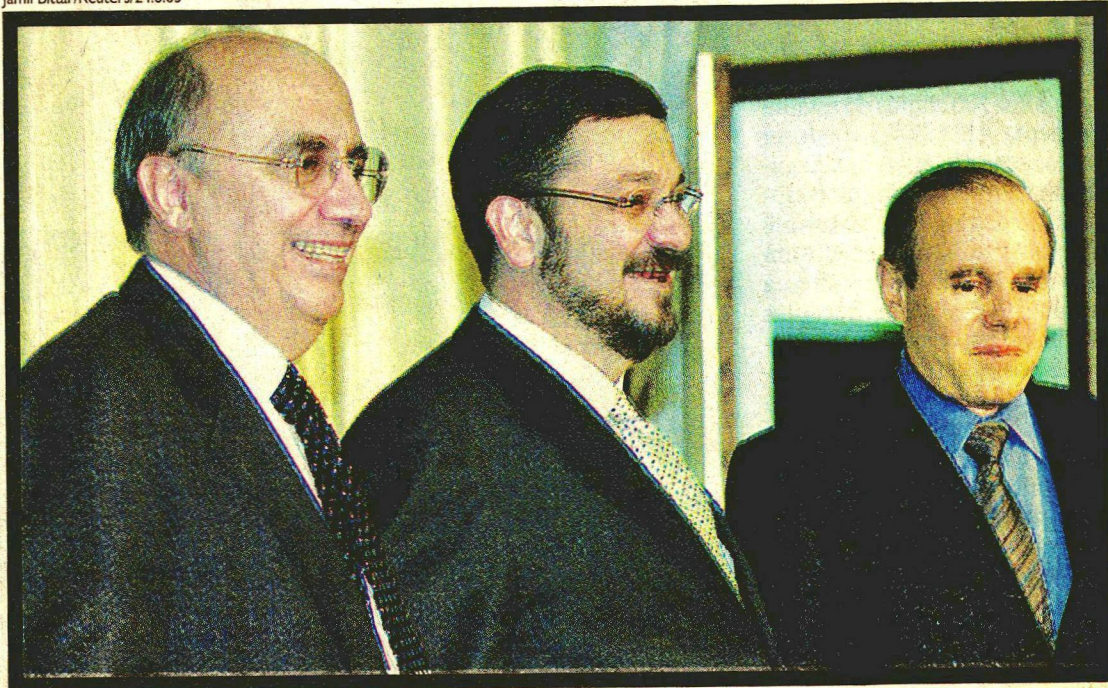
DA EQUIPE DO CORREIO

Analistas econômicos estão preocupados com o impacto que as divergências entre o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, possam trazer para a economia no próximo ano. O receio é de que a autoridade monetária seja leniente com a inflação para possibilitar uma queda maior dos juros, como pressiona o ministro. No final de semana, Mantega afirmou que não haverá conflito entre o BC e o ministério enquanto os juros estiverem caindo. Diante dos fatos, o presidente do BC, Henrique Meirelles, teria comentado que “não se sente bem” com Mantega.

Para os economistas ouvidos pelo *Correio*, por enquanto, o cenário está tranquilo porque a expectativa é de continuidade do processo de redução das taxas de juros (Selic) no país, que atualmente está em 15,75% ao ano. O impacto de uma diminuição da Selic só é totalmente absorvida pela economia no prazo de seis meses. O temor é que, com a proximidade maior das eleições, as divergências entre os representantes da equipe econômica continuem. Se isso ocorrer, as expectativas quanto a evolução da inflação podem se deteriorar e exigir um aumento dos juros para que os números de 2007 não sejam contaminados.

Segundo o Boletim Focus — relatório do BC que mostra a expectativas dos analistas de mercado em relação a vários indicadores econômicos —, a previsão do IPCA para o final do ano registrou uma ligeira queda de 4,36% para 4,33%. Para 2007, o número continua estagnado em 4,50%. A estimativa é de que a taxa básica de juros caia 0,5 ponto percentual na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que

Jamil Bittar/Reuters/24.6.03



MEIRELLES JÁ DEIXOU CLARO QUE SE SENTIA MAIS À VONTADE COM PALOCCI NA FAZENDA DO QUE COM MANTEGA

acontece nos dias 30 e 31 de maio. Para o fechamento do ano, o Boletim Focus manteve a projeção de 14% ao ano. “O cenário continua sendo de corte dos juros, mas de forma mais modesta, como informou a última ata do Copom (Comitê de Política Monetária)”, frisou o economista-chefe do Unibanco, Marcelo Salomon.

Apesar de até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter desmentido o impasse entre Fazenda e Banco Central, na prática, as afirmações dos representantes da equipe econômica indicam exatamente o contrário. Na época em que Antônio Palocci ocupava o cargo de ministro da Fazenda, era realizado, todas as terças-feiras, um almoço, na sede do ministério, como Meirelles e diretores do BC para discutir política econômica. Apenas quando a crise política que derrubou Palocci ganhou mais dimensão, que os encontros deixaram de acontecer. Desde que Mantega assumiu o cargo, os almoços deixaram de

ser realizados. A assessoria de imprensa do Ministério da Fazenda informou que esses encontros ainda não foram retomados devido a problemas de agenda.

O economista-chefe do Banco Modal, Alexandre Póvoa, afirmou que a decisão do presidente Lula de deixar o BC submetido diretamente à ele indica que a autoridade monetária tem independência na condução da política monetária. “Não acredito que as divergências possam causar problemas no curto prazo, até porque a tendência é de diminuição dos juros. O problema é que se cria um constrangimento. Fica difícil acreditar que na ocorrência de um segundo mandato de Lula a política monetária será igual. Pode haver uma pressão maior para baixar os juros”, explicou Póvoa, acrescentando que não acredita na saída de Meirelles do BC. O economista lembrou ainda antes havia consenso nas decisões do Conselho Monetário Nacional (CMN). Com o novo ministro deverá ocorrer,

no meio do ano, uma discussão maior em torno da meta de inflação para 2008, o que poderá sinalizar se a equipe econômica admitirá ou não um maior reajuste de preços no longo prazo.

O economista da Mauá Investimentos, Caio Megale, explicou que o Ministério da Fazenda está pressionando a queda dos juros, porém, a Selic reage ao enquadramento da inflação às metas. “O BC está claramente só”, ressaltou Megale. Ele disse que uma das consequências das divergências na equipe econômica é a criação de dúvidas sobre a independência do BC. “Começam a surgir dúvidas sobre o comprimento da meta de inflação. O cumprimento da meta para 2006 está garantida, mas para 2007, o BC não pode se mostrar leniente”, afirmou. Megale afirmou que esse tipo de debate pode fazer com que os juros cheguem mais lentamente a 14% no final do ano. “Outra consequência é que o BC pode ser mais conservador”, frisou o economista.